

## EXECUTIVO

# Brasil e EUA vivem trégua

Americanos cessaram críticas e até reduziram alíquotas em meio à expectativa de reunião entre Lula e Trump neste mês

» VICTOR CORREIA

A esperada reunião entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ainda não tem data marcada para ocorrer. Porém, Brasil e EUA vivem uma espécie de trégua desde o breve encontro entre os dois durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, no dia 23 de setembro. Após a “química” entre os dois, autoridades americanas, como o Secretário de Estado, Marco Rubio, cessaram as costumeiras declarações criticando o governo brasileiro e o Supremo Tribunal Federal (STF). As falas haviam se intensificado após a condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro por tentativa de golpe de Estado. Também não houve anúncio de novas sanções ao Brasil. Pelo contrário: produtos como madeira e móveis tiveram suas alíquotas reduzidas.

Em conversa com jornalistas no sábado após visitar concessionária em Brasília, o vice-presidente Geraldo Alckmin disse já ver benefícios para a relação comercial. “Alguns produtos, como madeira macia e serrada, que estavam com 50% (de tarifa), passaram para 10%. Armário, móveis, sofá, estavam em 50% e passaram para 25%. Nós e o mundo estamos iguais, então, você não perde competitividade”, comentou. De acordo com Alckmin, os itens somados valem cerca de US\$ 370 milhões em exportações.

Do lado brasileiro, Lula também deixou de fazer ataques a Trump em seus discursos, e a Câmara de Comércio Exterior (Camex) suspendeu por um mês a entrega de um relatório sobre a aplicação de medidas recíprocas contra os Estados Unidos. Integrantes do governo, nos bastidores, celebram. Porém, não esperam que os dois países voltem a ter uma relação amigável, mesmo no melhor dos cenários. O objetivo mais realista é aumentar a lista de exceções para as tarifas econômicas e evitar novas sanções contra autoridades no futuro, mas há pouca esperança que a gestão Trump reverta a aplicação

ANGELA WEISS / AFP e BRENDAN SMIALOWSKI / AFP



Diplomatas brasileiros avaliam que o mais provável é que Lula e Trump conversem pessoalmente durante visita à Malásia no final de outubro

da Lei Magnitsky contra o ministro do STF Alexandre de Moraes e sua esposa, ou a suspensão do visto de autoridades brasileiras.

Nesse meio tempo, representantes dos dois países seguem negociando o encontro entre Lula e Trump, e a expectativa entre diplomatas é que ele seja realizado durante a Cúpula da Asean, que ocorrerá na Malásia no dia 26 de outubro. Lula confirmou participação, mas Trump ainda não. Outra possibilidade seria durante viagem à Itália, onde Lula participa, no dia 13 de outubro, de um evento da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), mas o republicano também não está

confirmado nesta agenda.

As tratativas estão sendo lideradas por Alckmin e pelo chanceler Mauro Vieira, em contato com autoridades americanas. Na quarta passada, Alckmin conversou por telefone com o secretário de Comércio dos Estados Unidos, Howard Lutnick, e discutiu os pontos que podem ser negociados entre os dois países. O compromisso não estava na agenda oficial do vice-presidente, mostrando a discriminação com o qual o assunto está sendo tratado. Na negociação, o Brasil está disposto, por exemplo, a reduzir tarifas sobre o etanol americano e a assinar um acordo de cooperação permitindo a exploração

de terras raras pelos EUA em solo brasileiro. Os minerais são usados em tecnologias críticas atualmente, como na produção de eletrônicos e baterias para carros elétricos.

Em outra frente, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, embarca para Washington no final desta semana para participar de compromissos do G20, mas espera também poder avançar nas negociações com o governo Trump. “Tenho alguns encontros lá (na capital americana) e tenho o G20. Eu devo ir, e também deve ser uma oportunidade para conversar”, disse Haddad. A expectativa é que ele fale com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, com

quem o titular da Fazenda vem tendo dificuldade de conversar. Até a mudança de posição de Trump na Assembleia da ONU, autoridades brasileiras enfrentaram dificuldades em conversar com suas contrapartes nos EUA.

## Shutdown atrapalha

Interlocutores do governo afirmam que Lula prefere realizar um encontro presencial com Trump, principalmente na Casa Branca. Porém, a diplomacia brasileira teme um possível constrangimento, como ocorreu com os líderes da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e da África do Sul, Cyril Ramaphosa. Por



Alguns produtos, como madeira macia e serrada, que estavam com 50% (de tarifa), passaram para 10%. Armário, móveis, sofá, estavam em 50% e passaram para 25%. Nós e o mundo estamos iguais, então, você não perde competitividade”

**Geraldo Alckmin,**  
vice-presidente da República

isso, o principal plano de ação no momento é fazer a reunião em um terceiro país, aproveitando a agenda conjunta dos dois presidentes. Também é cogitada uma videoconferência preparatória para que Lula e Trump estejam mais preparados cara a cara.

Apesar de o encontro ter sido previsto pelo próprio republicano para a semana passada, o cenário turbulento dentro dos Estados Unidos contribuiu para a demora. Houve pouco avanço sobre a reunião, principalmente por conta do *shutdown* que o governo Trump enfrenta, que paralisa a máquina pública até que o Executivo chegue a um acordo com o Congresso americano. O corte de recursos afeta, inclusive, a Embaixada dos Estados Unidos em Brasília, que encerrou postagens nas redes sociais e anunciou que a emissão de vistos pode acabar sendo suspensa, caso a paralisação continue. O *shutdown* pode atrasar a conversa entre os dois líderes, mas integrantes do governo ainda estão otimistas que ela ocorra na Malásia, ao final de outubro.

# Lula mostra otimismo com COP 30, mas arrisca decepção

» FERNANDA STRICKLAND

Na última semana, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva desembarcou em Belém, capital do Pará, para uma série de inaugurações de obras estruturantes e entregas vinculadas à preparação da cidade para a COP30, principal evento internacional sobre sustentabilidade e meio ambiente. Em meio às críticas de delegações internacionais sobre a falta de estrutura cidade, Lula argumenta que os estrangeiros devem ver a região amazônica como ela é, e que os investimentos realizados para a COP vão beneficiar Belém no longo prazo. Porém, o otimismo do presidente pode gerar descrédito caso as promessas não sejam cumpridas.

A agenda em Belém, que também incluiu uma visita ao arquipélago do Marajó, marca uma etapa simbólica da estratégia do governo federal de transformar a COP em um marco de requalificação urbana e reposicionamento político do Brasil no debate climático internacional.

Durante a visita, Lula destacou que as obras fazem parte de um projeto de legado que vai além dos dias da conferência. O presidente afirmou que as intervenções — que incluem ações de saneamento, mobilidade e infraestrutura viária — pretendem melhorar a qualidade de vida da população e deixar um impacto duradouro na cidade. “Belém será, durante a COP, o centro do mundo. Mas o mais importante é que continue sendo uma cidade melhor para o seu povo depois que as luzes do evento se apagarem”, disse o presidente, em discurso durante uma das inaugurações.

Durante os dois dias em que esteve no Pará, quinta e sexta passadas, o petista inaugurou creches e anunciou novas obras da educação, visitou o recém-criado Museu

das Amazônias e o Parque da Cidade, onde a maior parte dos eventos ligados à COP, incluindo a reunião de chefes de Estado, ocorrerá. Ao todo, o investimento em obras de infraestrutura chega a R\$ 6 bilhões.

Apesar do tom otimista do governo, especialistas avaliam que a visita de Lula tem também um forte componente simbólico. Para o cientista político Márcio Coimbra, o ato presidencial em Belém “possui um caráter essencialmente político e midiático, funcionando mais como um paliativo de imagem do que como um indicativo de eficácia na gestão das obras”. Segundo ele, o governo federal e o governo do Pará buscam projetar uma narrativa de comprometimento com a infraestrutura e a agenda ambiental, mas enfrentam o desafio histórico da falta de investimentos consistentes na região Norte. “A escolha de Belém como sede da COP30 é, em tese, uma oportunidade para o Brasil reafirmar seu protagonismo nas discussões climáticas. Porém, a visita presidencial evidencia a defasagem crônica de investimentos na cidade”, analisa.

## Visita estratégica

Lula, por sua vez, tem reforçado que o cronograma de obras está em andamento e que a união entre as esferas federal, estadual e municipal é essencial para garantir a entrega das principais intervenções até o início da conferência, realizada entre os dias 10 e 21 de novembro. Entre as prioridades estão os projetos de requalificação da orla de Belém, a ampliação da rede de drenagem e saneamento e a melhoria do sistema de transporte público. O governo argumenta que essas ações fazem parte de uma visão mais ampla de desenvolvimento sustentável para

Ricardo Stuckert/PR



Na visita a Belém, Lula argumentou que obras trarão benefícios a longo prazo para a capital paraense

a Amazônia, integrando a pauta climática com políticas de combate à desigualdade social.

Entretanto, como observa Coimbra, há um risco político inerente à exposição do governo neste contexto. “Visitas presidenciais, especialmente em momentos que antecedem grandes eventos internacionais, são estratégias conhecidas de marketing político. O governo busca associar a imagem do presidente à realização de grandes obras e eventos, criando a percepção de competência e liderança”, afirma o cientista. Ele pondera, contudo, que esse tipo de ação pode ter efeito limitado: “A curto prazo, gera manchetes positivas e melhora a percepção pública. Mas, se as promessas não se

concretizarem, o resultado pode ser o oposto, alimentando o descrédito da população e da comunidade internacional”.

Em meio ao entusiasmo oficial e às críticas sobre o ritmo das intervenções, Belém se prepara para receber, em novembro, mais de 30 mil visitantes de cerca de 190 países. A cidade será palco de debates sobre descarbonização, financiamento climático e proteção de florestas tropicais — temas centrais para o governo brasileiro, que busca reposicionar o país como liderança ambiental após anos de retrocessos. No entanto, o desafio de compatibilizar o discurso ambientalista com a realidade urbana e social da Amazônia continua a ser o principal ponto de tensão.

Para Márcio Coimbra, as expectativas em torno da COP30 “são ambiciosas, mas permeadas de ceticismo”. Segundo ele, o evento é uma oportunidade de o Brasil retomar protagonismo no cenário internacional e de a região amazônica atrair investimentos em desenvolvimento sustentável. “A escolha de Belém simboliza a importância de discutir o clima a partir de um território-chave para o equilíbrio ambiental do planeta”, destaca. Mas o cientista alerta para os riscos de o país não corresponder às próprias promessas, feitas, inclusive, em fóruns mundiais. “Há um temor de que a COP30 seja marcada por contradições. Se o governo não conseguir conter o desmatamento e não entregar melhorias urbanas



A curto prazo, (a visita) gera manchetes positivas e melhora a percepção pública. Mas, se as promessas não se concretizarem, o resultado pode ser o oposto, alimentando o descrédito da população e da comunidade internacional”

**Márcio Coimbra,**  
cientista político

significativas, o evento pode se tornar um palco de constrangimento — um contraste entre o discurso global e a realidade local”.

O Palácio do Planalto aposta em deixar um legado de credibilidade ambiental e transformação social, reforçando que o Brasil quer liderar, de forma concreta, a transição verde mundial. Para isso, a execução das obras em Belém e a articulação política nas semanas que antecedem a COP serão decisivas. Entre a diplomacia e o canteiro de obras, o governo tenta equilibrar o simbolismo político com resultados tangíveis — numa equação em que o sucesso da COP30 poderá definir, em grande parte, a imagem do país e do próprio presidente Lula no cenário global.